

2 Análise Bibliográfica

2.1 Levantamento de teses, dissertações e artigos científicos

Durante o primeiro semestre de 2010, realizei um levantamento de trabalhos acadêmicos sobre Teatro do Oprimido nas principais bases de trabalhos acadêmicos do Brasil. Em todos os casos, fiz a busca apresentando como critério os assuntos “Teatro do Oprimido” e “Boal”. A pesquisa foi realizada no Portal Capes de Teses e Dissertações a partir de 1987; nos trabalhos apresentados na Anped desde 1997 no GT de Educação Popular e desde 2009 no GT Educação e Arte. Pesquisei ainda na base de dados do site “SciELO” contemplando as principais revistas de Educação e no Google Acadêmico.

O Portal Capes, ao eleger a categoria assunto “Teatro do Oprimido” como critério de busca, revelou 28 trabalhos realizados entre 1987 a 2010. Desses, 10 são teses de doutoramento e 18 dissertações de mestrado, sendo uma dissertação de mestrado profissionalizante. É interessante notar que a área de educação tem exatamente a mesma quantidade de trabalhos que a área de teatro ou artes cênicas, 6. Já os demais trabalhos, três foram produzidos em programas de letras, dois em artes, dois em enfermagem e dois em psicologia. Ciências da informação, ciências sociais, direito, educação ambiental, psicosociologia de comunidades e ecologia social, saúde da família e serviço social contam com um trabalho cada. Quanto às universidades, a que mais tem trabalhos encontrados nessa busca é a PUC de São Paulo, com 4 trabalhos. Em segundo lugar, estão a USP, a UNIRIO e a UFRJ com 3 trabalhos cada. A UNESP e a UFRGS contam com 2 trabalhos cada. E, por fim, a UFRG, a PUC Minas, a UNB, a Universidade do Passo Fundo, a UESC, a UERJ, a Estácio de Sá, a UFBA, UFPA, UFSC, UFPR contam com um trabalho cada. Não há uma recorrência de orientadores, o que indica a inexistência de grupos de pesquisa que investiguem o TO de forma mais sistemática. Apenas o professor José Luiz Ligiéro Coelho, da UNIRIO, orientou mais de um trabalho que tivesse TO como assunto, no total foram 3.

Quando o critério de busca no Portal Capes foi “Augusto Boal” foram encontradas 43 teses e dissertações, sendo que apenas 24 não surgiram na pesquisa anterior. Ou seja, nove trabalhos apresentavam “Teatro do Oprimido” em seu assunto, mas não “Augusto Boal”. E 24 apresentavam “Augusto Boal”, mas não “Teatro do Oprimido”, sendo que apenas 19 apresentam as duas expressões no campo assunto. Esta questão é significativa, pois ressalta que muitos trabalhos acadêmicos utilizam as ideias de Augusto Boal, mas não estão necessariamente analisando o TO.

Dos 24 trabalhos que apresentavam apenas “Augusto Boal” no campo assunto, 20 eram dissertações de mestrado e 4 teses de doutorado. Nesse caso, o campo da Educação possui 8 trabalhos, enquanto Artes Cênicas e Teatro apenas 3. História, Letras e Psicologia Escolar surgem com 2 trabalhos cada. E Ciências do Movimento Humano, Filosofia, Linguagem e Sociedade, Literatura, Psicologia, Saúde Pública e Sociologia e Antropologia apresentam 1 trabalho cada. Mais uma vez os orientadores são bem difusos, apenas a professora Rosangela Patriota, da Universidade Federal de Uberlândia, orientou dois trabalhos, na área de História. Todos os demais 22 professores, orientaram apenas 1 trabalho. Agora a USP figura com mais trabalhos desenvolvidos, 5 no total. Atrás dela ficam a UFBA, com 3 e a UFU e UFRJ com 2 trabalhos. UnB, UPF, UESC, UEOP, UFAL, UFSC, UNIRIO, UFPR, UFRGN, UFRGS, Universidade Metodista de Piracicaba e Mackenzie acolheram um trabalho, cada.

Anexei, ao final deste trabalho (anexo I), uma tabela com todos os trabalhos (ano, autor, trabalho, área, nível, orientador(a) e instituição). Creio que possa ser útil a outros pesquisadores que se deparem com esta dissertação. No final de cada tabela, há uma quantificação separando os trabalhos por ano, área, instituição, orientador e nível. Essas quantificações ajudam a compreender os dados relatados acima, além de ser uma forma mais rápida de visualização dos mesmos.

Na base de dados do Scielo, minha busca não foi tão feliz. Pesquisei na *Revista Brasileira de Educação*, nos *Cadernos de Pesquisa*, na *Educação & Sociedade* e na *Educação & Pesquisa*, por considerá-las bastante representativas da pesquisa em educação. Nos critérios de busca incluí “Teatro do Oprimido” e “Boal” em todos os índices e absolutamente nada foi encontrado. Mantendo as esperanças, e sabendo que a busca do Scielo alcançava apenas palavras do título,

resumo e palavras-chave do trabalho, fui ao encontro do *Google Acadêmico*. Inicialmente me senti insegura com essa ferramenta. Como minha experiência com o *Google* não passava da busca por sites em geral, eu acreditava que toda sorte de artigos, manuais, fábulas, blog's, contos... tudo seria exposto. Mas, felizmente, não foi bem assim. Encontrei artigos com “Teatro do Oprimido” e “Boal”, inclusive em revistas que não haviam retornado nada na busca no site do Scielo, já que a busca do *Google Acadêmicos* inclui todo o artigo. Das revistas já consultadas, encontrei um artigo nos *Cadernos de Pesquisa* e outro na *Revista Brasileira de Educação*. Encontrei também artigos em outras revistas acadêmicas: *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, *Revista da Pesquisa*, *Revista Fênix*, *Revista CULT – UFBA*, *Revista Marxismo Vivo*, *Educação em Revista*, *Sapientia – PUC-SP*, *O Percevejo – UNIRIO* e *Estudos de Psicologia*. Consegui encontrar algo, mas ainda assim foram apenas 11 artigos acadêmicos, sendo que apenas 6 deles analisam o TO ou alguma experiência com esse método. Mesmo já havendo um número considerável de teses e dissertações sobre o TO, esse tema ainda não está presente de maneira significativa nas revistas, principais difusoras das pesquisas acadêmicas.

No *Google Acadêmico* também encontrei uma tese de doutorado elaborada na Universidad Autonoma de Barcelona, que incluí na análise bibliográfica.

Ao longo do levantamento bibliográfico, li todos os resumos dos trabalhos em busca de pesquisas que analisassem o diálogo no Teatro do Oprimido e o relacionasse com a Pedagogia de Freire e/ou a maiêutica socrática. Após fazer uma pré-seleção, li alguns capítulos dos trabalhos para verificar a afinidade com meu tema de pesquisa. De todo universo de trabalhos acadêmicos encontrados, selecionei três, uma tese e duas dissertações, por tratarem mais especificamente do conceito de diálogo no Teatro do Oprimido e sua relação com a perspectiva pedagógica de Freire. Não encontrei nenhum trabalho que analisasse diretamente a participação da maiêutica socrática na perspectiva pedagógica do TO, embora alguns deles a citem.

2.2

Análise de pesquisas sobre a dimensão pedagógica do Teatro do Oprimido

Neste tópico, considero três pesquisas que analisam diretamente a dialogicidade do Teatro do Oprimido, todas elas desenvolvidas em departamentos de educação e disponíveis para download completo na internet. A primeira delas é a dissertação de Edmur Paranhos, aprovada em 2009 no Departamento de Educação da UFRJ. Trata-se de uma análise, de caráter teórico, da relação entre os fundamentos filosóficos e as categorias da pedagogia de Paulo Freire e do teatro de Boal. Os outros dois trabalhos apresentam uma análise teórica sobre a dimensão pedagógica do TO e fazem, cada um, uma pesquisa de campo com atores diferenciados. Dessa forma, seria inapropriado comparar resultados de pesquisas realizadas com atores e metodologias distintas. Por isso, quanto à dissertação de Raquel Turci Pedroso (PUC-SP, 2006) e à tese de Tânia Márcia Baraúna Teixeira (UAB, 2009) irei me deter apenas na análise dos capítulos de reflexão teórica dessas autoras.

2.2.1

Edmur Paranhos: o Teatro do Oprimido e a formação de professores

A dissertação “Nós: do-discentes e espect-atores!” de Edmur Paranhos foi desenvolvida entre 2007 e 2009 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cabe destacar que o autor se formou em fisioterapia e no exercício dessa profissão conheceu Boal – que foi seu paciente – e só então o Teatro do Oprimido. Em seu trabalho, faz um interessante esforço de analisar a formação de professores do ponto de vista corporal, considerando as contribuições que o TO pode trazer para o rompimento com a supervalorização da razão em detrimento do corpo de professores e educandos. Seu objetivo central é provocar a universidade – âmbito privilegiado da formação de professores – a refletir sobre a aplicação do TO. Isto porque Paranhos (2009: 18) considera que, embora haja um consenso em torno de que o professor da educação básica deva ser crítico e dialógico, sua formação, muitas vezes, é “acrítica e bancária”. O TO, segundo o autor, “atende ao objetivo de formação de um professor autônomo,

onde se torna premente um trabalho que se baseie na construção da auto-imagem do professor, e que, também, possibilite a ressignificação do ato educativo.” (Paranhos, 2009: 18). Assim, sua proposta é “aproximar os fundamentos filosóficos e as categorias da Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, aos fundamentos estético-filosóficos do Teatro do Oprimido de Augusto Boal.” (Paranhos, 2009: 10). Isto é feito, através “de um estudo teórico que privilegia conceitos de um que se relacionam no outro, para permitir o entendimento das influências das ideias de Freire na proposta de Boal”. Para tanto, Paranhos baseia-se na bibliografia de Boal, em palestras sobre TO, em e-mails trocados entre ele, Boal e outros estudiosos do tema e em relatos de sua própria experiência no CTO (Paranhos, 2009: 21).

Na introdução, Paranhos apresenta de modo intercalado o pensamento de Freire e Boal, propondo uma comparação e valorizando as proximidades. Aponta, também, primeiras semelhanças filosóficas entre o pensamento de Freire e Boal, principalmente conceitos comuns.

O capítulo 1, “A proposta pedagógica de Paulo Freire”, apresenta categorias que caracterizam o pensamento de Freire, a partir de sua obra e de alguns comentadores. Paranhos inicia o capítulo discutindo a diferença entre humanos e outras formas de vida - “na esteira do pensamento de Freire” (Paranhos, 2009: 23). Esta reflexão é importante, uma vez que a educação problematizadora de Freire propõe como meta a humanização do humano. Então, Paranhos pergunta: “qual a característica que confere a humanidade do humano?” (Paranhos, 2009: 23). Considerando a obra de Freire, Paranhos afirma que todos os animais transformam a natureza, mas só o humano significa suas transformações, tornando-se capaz de “estabelecer estratégias de transformações futuras” (Paranhos, 2009: 23). Assim, a proposta de Freire “tem a ver com esta capacidade: restaurar no humano a vocação para a humanidade; para a habilidade de objetificar – analisar, estabelecer relações causais – sua própria realidade, tendo em mente a consideração de seu próprio eu, os não-eus e as outras coisas”. (Paranhos, 2009: 24). Após essa introdução, o autor passa a analisar categorias que considera centrais no pensamento de Freire. Na primeira delas, “hospedar o opressor”, parte da teoria das ideias de Platão para analisar a desassociação entre razão e sentidos na educação. Para Paranhos (2009: 26), “o exercício da dominação, expressada na relação opressor/oprimido, é possibilitada por esta

noção de relação mente/corpo”. O método de alfabetização de Paulo Freire alcançou resultados tão surpreendentes por considerar que todo ser humano “capta, pela via sensível, a sua realidade, tendo ela, inicialmente, contornos mágicos” (Idem: 27). Assim, hospedar o opressor é possível pela concepção bancária de educação que ignora o conhecimento adquirido empiricamente. O educando, ao ter seu conhecimento negado, vê-se inferiorizado e tem como opção a verdade do opressor, que passa a ser a sua própria (Paranhos, 2009: 28). A próxima categoria analisada é o “bancarismo” cujo caráter opressivo é ressaltado, ao mesmo tempo em que o autor o confronta com a pedagogia proposta por Freire.

Na categoria “consciências intransitivas, transitivas ingênuas e caóticas” são consideradas as três etapas que a consciência passa no processo de conscientização. A consciência intransitiva seria caracterizada pela limitação do pensamento humano às preocupações de nível biológico. Durante o processo de conscientização buscar-se-ia que o educando desenvolvesse a consciência transitiva ingênua e, por fim, a transitiva crítica. A categoria “conscientização” é analisada como o primeiro e principal objetivo da educação libertadora, revela a esperança que se desdobra na práxis. A “utopia, situações-limites e inédito-viável” figuram no capítulo articuladas numa mesma categoria. Segundo o autor, “utopia” vincula a educação à esperança e ao seu caráter político de transformação. Já as “situações limites” seriam barreiras “que fazem da vida do educando o que ela está sendo” (Paranhos, 2009: 43) e é necessário superá-las, pois provocam o sentimento de inexorabilidade. O “inédito-viável” seria a “materialização historicamente possível do sonho almejado” (Paranhos, 2009: 43). Para Paranhos, a categoria “diálogo” deve ser colocada pelo educador, pois é ela que une todos os participantes do processo educativo, para construção coletiva do conhecimento. É o diálogo que funda a colaboração entre os sujeitos. Por fim, na categoria “elaboração e execução prática”, Paranhos explica o método de alfabetização de Freire considerando as seguintes etapas: investigação do vocabulário e características sociais dos futuros educandos; escolha das palavras; codificação das situações existenciais dos educandos; elaboração de fichas-roteiro. Neste ponto, o autor também reforça o papel político da alfabetização segundo Freire.

O capítulo 2, “O Teatro do Oprimido de Augusto Boal”, traz uma descrição do TO utilizando a obra de Augusto Boal, estudiosos do teatro e relatos

do autor sobre sua vivência no CTO. Para tanto, Paranhos apresenta um resumo da história do TO, a origem e os objetivos de cada técnica e traz informações de como o TO é feito atualmente, revelando com isso seus fundamentos estéticos e filosóficos. Boa parte do capítulo é dedicada às origens das ideias que levaram ao desenvolvimento do Teatro do Oprimido. Para tanto, Paranhos analisa as fases que Boal passou junto ao Teatro de Arena de São Paulo (realismo naturalista; nacionalização dos clássicos; sistema curinga; teatro-jornal), relacionando as descobertas de cada período às técnicas que depois Boal desenvolveu no TO. Apresenta também o conflito/contradição que os integrantes do Teatro de Arena viveram ao produzir um teatro político, que colocava o povo em cena para uma plateia de classe média, que não era considerada por eles o *povo*. Assim, começaram a apresentar suas peças para o que consideravam “o povo”, principalmente camponeses e operários. Neste tópico, Paranhos considera o trabalho do Teatro de Arena um “teatro bancário”. A seguir, o autor apresenta as dificuldades que o Arena viveu após o Golpe civil-militar de 1964 que levaram ao desenvolvimento do Teatro Jornal, considerado o início do surgimento do TO. Pela primeira vez os integrantes do Arena viam o próprio *povo* fazendo o espetáculo. Daí, Paranhos inicia uma apresentação das técnicas do Teatro do Oprimido que foram surgindo após a prisão e exílio de Boal – Teatro Invisível, Dramaturgia Simultânea, Teatro-Fórum – considerando as implicações dessas técnicas para conceitos teatrais. O autor intercala a explicação do Teatro-Fórum com uma apresentação das ações do curinga na atualidade, considerando o que Boal chamou de “mapa da situação”, que significa levar o grupo de TO além da dimensão micro da realidade. Paranhos retorna a linha cronológica de Boal e apresenta o desenvolvimento do Arco-Íris do Desejo no seu exílio europeu, a sua volta ao Brasil, sua inserção no campo da educação e na política institucional. Apresenta a última pesquisa de Boal, a “Estética do Oprimido”, aproxima teorias do estudo do corpo para reforçar a necessidade do TO na formação dos professores e apresenta a sistematização da “Árvore do TO”¹. Em todo o capítulo, Paranhos enfatiza mais o desenvolvimento das técnicas do que as variações da perspectiva pedagógica do TO, considerando que o TO surge em contestação à “pedagogia bancária” do Teatro de Arena, aproximando-se da pedagogia de Freire.

¹ Anexo II

No capítulo 3, “A pedagogia e o Teatro do Oprimido”, Paranhos busca correlacionar os pensamentos de Freire e Boal “tendo como base, mas não exclusivamente, a proposta dos paradigmas filosófico-educacionais de Paulo Ghiraldelli”. Este capítulo explora outros autores que já aproximaram estes dois pensamentos e se baseia em obras de Freire e de Boal, na tese de Tânia Teixeira – analisada também nesse trabalho –, um texto de Moacir Gadotti e no livro *Filosofia da Educação*, de Paulo Ghiraldelli (2000). Paranhos utiliza a divisão que Ghiraldelli propõe para a história da educação e relaciona os paradigmas da educação ao teatro da seguinte forma: Pedagogia de Herbart/Teatro de Aristóteles; Pedagogia de Dewey/Teatro de Brecht; Pedagogia de Freire/Teatro de Boal. Apesar de discordar de algumas considerações de Paranhos, principalmente quanto a relação entre Dewey e Brecht, analisarei aqui apenas o terceiro tópico, devido aos objetivos desse trabalho.

Quanto à relação entre a pedagogia de Freire e o teatro de Boal, Paranhos considera primeiramente a conscientização, uma vez que ambos buscariam passar da consciência intransitiva para a transitiva em seu estado crítico. O estímulo ao agir proposto por Freire teria respaldo no Teatro do Oprimido primeiramente pela proposta de devolução do teatro aos oprimidos e pela entrada dos espectadores em cena, superando a passividade. Ao passo que Freire propõe um desmantelamento da barreira que separa o educador do educando, Boal propõe esse movimento quanto à relação entre plateia e espetáculo. Paranhos (Idem: 99) elabora um “Quadro comparativo: Paradigmas histórico-filosóficos Pedagogia/Teatro”, onde considera os três paradigmas apresentados. Nesse quadro, Paranhos compara “Educação” e “educador” ao “espetáculo” e “educando” à “plateia”. Cabe considerar que o autor considera que os atores dos grupos populares seriam “espectadores”, uma vez que eles só integram o espetáculo na medida que o Teatro do Oprimido devolveu-os o teatro. Então, numa peça de Teatro do Oprimido, tanto atores quanto plateia são formados por espectadores. Após o quadro comparativo, o autor faz uma análise da dramaturgia do Teatro-Fórum à luz da metodologia de alfabetização de Freire. Considerando, assim, os momentos da peça nos quais estariam presente a “utopia”, a “situação-limite” e o “inédito-viável”. Para Paranhos (2009: 101), o Teatro-Fórum é “a própria dramatização da Pedagogia do Oprimido”. Paranhos defende que a alfabetização proposta por Freire tem como objetivo a leitura do mundo, já a alfabetização estética proposta

por Boal a percepção do mundo. A análise dos conceitos de “opressão, oprimidos e opressores” apresenta as semelhança entre os dois autores, mas também apresenta problematizações trazidas por Julián Boal – filho de Augusto Boal – à análise feita pelos praticantes de TO. Paranhos (2009: 107) afirma, então, que “o que podemos concluir é que, tanto para Freire quanto para Boal, os humanos devem se reunir, munidos de diálogo para debater sobre o próprio conceito de opressão”. Paranhos analisa também a proximidade entre o conceito de “diálogo” e apresenta outras aproximações possíveis entre os dois autores. Para este ponto, Paranhos utiliza principalmente pontos apontados por Teixeira em sua tese.

No capítulo final, que Paranhos (2009: 115) chama “Da inconclusão”, ele declara que se dará “o direito de romper com os ditames das regras de escrita acadêmica que tanto esforço fiz para acatar nessas linhas anteriormente escritas, para livremente convidar o leitor a passar por algumas reflexões que ganharam muito volume no decorrer dessa pesquisa”. Parte, então, de um poema de Tom Zé para refletir sobre a recorrente criação de soluções analgésicas nas sessões de Teatro-Fórum. “E a função analgésica é uma faca de dois gumes: por um lado a dor é interrompida por algum tempo, que pode variar de minutos a anos. Por outro combater a dor é como dar um tiro no alarme de um prédio no meio de um incêndio” (Paranhos, 2009: 115) e “apesar de ser um pensamento reacionário, ele foi deliberado por oprimidos. Eles que decidiram (...). O que garantirá que a alternativa dos oprimidos no Teatro-Fórum seja de superação da opressão e não de tomada de poder do opressor” (Idem: 116). Paranhos aponta o problema, mas não se detém em analisar suas causas e seus desdobramentos na perspectiva pedagógica do TO. Após inserir esta reflexão, o autor retoma sua preocupação com a formação dos professores e relembra as denúncias de Boal nas quais ficava claro suas preocupações com a relação entre os problemas locais/individuais com a estrutura macro-social. Paranhos chama a atenção ainda para a necessidade do desenvolvimento de pesquisas com professores que já participaram de experiências reflexivas sobre seu agir profissional, valendo-se de recursos do Teatro do Oprimido. Reivindica também incentivo acadêmico para formação de grupos de Teatro do Oprimido com professores.

A dissertação de Paranhos propõe, a priori, a aproximação entre a Pedagogia do Oprimido e o Teatro do Oprimido. Desta aproximação resulta a íntima relação entre alguns conceitos: diálogo, oprimido-opressor-opressão,

conscientização, utopia e práxis. Dessa forma, o autor procurou na Pedagogia do Oprimido os conceitos que poderiam caracterizar a perspectiva pedagógica de Boal. E não houve, em momento algum, a consideração da influência de nenhuma outra perspectiva pedagógica na obra do sistematizador do TO.

2.2.2

Raquel Pedroso: o Teatro do Oprimido na busca por uma prática dialógica

Raquel Pedroso realiza em sua dissertação “Teatro do Oprimido: em busca de uma prática dialógica” uma pesquisa-ação com referência na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire. Ela busca no Teatro do Oprimido ferramentas para a realização das atividades propostas na intervenção que realiza em um espaço pedagógico de uma ONG. Um de seus objetivos é compreender “as possibilidades do uso do Teatro do Oprimido na construção de um processo educacional dialógico, segundo a perspectiva de Paulo Freire” (Pedroso, 2006, resumo). A autora graduou-se em psicologia na PUC-SP. Durante sua graduação participou do Programa de Ensino Tutorial, no qual desenvolveu atividades teatrais com jovens dentro de práticas educativas sobre o uso de drogas. Seu contato com Teatro do Oprimido se fortaleceu durante seu mestrado em educação, com sua aproximação com a ONG “Mudando a Cena”, de São Paulo. Nesta ONG, Pedroso (2006: 4) participa de um projeto como educadora, cujo objetivo era fortalecer a democracia e difundir a cultura de paz utilizando linguagem artísticas, entre elas o Teatro do Oprimido.

Pedroso (2006: 5) apresenta que a proposta de sua dissertação é “estudar as possibilidades do Teatro do Oprimido, através de seus exercícios e jogos, abrir caminhos para que os ‘atores’ busquem o pensamento para a liberdade, encontrando-se com a realidade social; levando-os a uma maior compreensão de sua própria história de maneira crítica e consciente e sendo, portanto, uma prática educativa e dialógica.”. Os procedimentos adotados para elaboração da pesquisa foram o desenvolvimento e análise de um diário de campo da autora e entrevistas com os jovens participantes do projeto.

Embora a autora apresente como objetivo a compreensão das possibilidades do uso do TO em atividades referenciadas da pedagogia de Freire

ela pondera que seu estudo não revela substancialmente características do TO, mas sim sua prática com este método.

Não é possível, portanto, tentarmos buscar o que o Teatro do Oprimido, em si, é de antemão, uma prática libertadora e dialógica; mas podemos buscar o que de minha experiência como educadora no projeto, utilizando este método, revelou-se como possibilidade daquilo que entendemos por uma prática dialógica [...] (Pedroso, 2006: 5).

O estudo realizado por Pedroso apresenta uma interessante diferença em relação aos outros dois trabalhos aqui analisados. Ela não busca entender, nem considera a priori as relações existentes entre o TO e a pedagogia de Freire. Ela toma como referencial o pensamento freireano e investiga se as ferramentas do Teatro do Oprimido são adequadas aos princípios desse referencial. Ou seja, se o TO responde aos ensejos de diálogo expressos por Freire.

Dos seis capítulos apresentados em sua dissertação o primeiro e o último interessam ao meu trabalho, e por isso serão analisados aqui. No primeiro capítulo, “Construindo caminhos”, a autora descreve a educação libertadora de Paulo Freire e o método do TO de Boal, considerando sua origem e a técnica do Teatro-Fórum.

No sexto capítulo, “Teatro do Oprimido: para quê? Para quem?” – de caráter conclusivo -, a autora retoma suas questões de pesquisa, buscando apresentar os aspectos da prática dialógica do Teatro do Oprimido dentro de um projeto referenciado na pedagogia de Freire.

O primeiro capítulo inicia-se com uma reflexão sobre os sentidos da educação. Dessa reflexão, a autora insere as principais características do pensamento de Freire, como o diálogo, a conscientização, a liberdade e a crítica à educação bancária. Articula os objetivos de Freire aos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Daí, Pedroso (2006: 13) considera o TO como “instrumento de ação educacional a partir das pontuações acima e inicia um tópico sobre a origem do TO, resgatando a história do teatro como militância no Brasil, desde o século XIX. Este é um esforço interessante, pois resgata uma tradição do teatro militante brasileiro ao invés de considerar o Teatro de Arena como pioneiro. Este esforço é feito baseado no livro “Teatro de militância”, de Silvana Garcia, de 2004. Assim, ela apresenta o teatro operário anarquista que se estabeleceu no Brasil a partir de 1890, trazido por imigrantes europeus. Esse teatro seria feito por

e para operários e sem buscar nenhuma integração com o meio artístico. A partir do enfraquecimento da influência do anarquismo no Brasil e da ascensão do Partido Comunista do Brasil (PCB), a partir de 1922, “o teatro social libertário deixou praticamente de existir para, em 1960, ganhar força o *agitprop*, com a fundação do Centro de Cultura Popular da União Nacional dos Estudantes – o CPC da UNE” (Pedroso, 2006: 14). Neste contexto, Pedroso apresenta o Teatro de Arena, fundado em 1953, que posteriormente foi dirigido por Augusto Boal. “Em equipe, os integrantes do Arena politizaram cada vez mais suas ações partindo da nacionalização dos clássicos e chegando até a fazer peças que buscavam ‘conscientizar’ e incitar diferentes grupos a ações revolucionárias.” (Pedroso, 2006: 15)². Analisando as ações do Arena, Pedroso (2006: 16) apresenta também a autocrítica feita pelo grupo sobre a perspectiva pedagógica que adotavam, “por querer levar a verdade – dele e de seus atores – para as plateias, sem, contudo, correr os mesmos riscos”. Conta, então, a história que Boal vivenciou com o camponês Virgílio, de uma liga camponesa, e com uma espectadora no Peru. “Todas essas experiências no Arena, as apresentações em busca de fazer o teatro do povo, os seminários de dramaturgia do Arena (de onde se criou ‘Eles não usam *Black Tie*’ de Gianfrancesco Guarnieri) marcaram profundamente as propostas multiplicadoras de Boal com seu Teatro do Oprimido” (Pedroso, 2006: 17)³.

Pedroso comenta a prisão de Boal durante a ditadura e o lançamento do livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas” – ocultando insistentemente o ‘políticas’ do título – e inicia a apresentação da técnica que utilizou para desenvolver a intervenção de sua pesquisa: o Teatro-Fórum. A autora apresenta o Teatro-Fórum já relacionando-o com a pedagogia de Freire. No entanto, ressalta que o TO não se relaciona apenas ao livro “Pedagogia do Oprimido” de Freire, lembrando que o nome fora escolhido por Boal como uma homenagem e por sugestão do editor de seu livro. Para Pedroso (2006: 17-18), o diálogo é a categoria central na relação entre as duas propostas.

A aproximação do Teatro do Oprimido com a proposta político-pedagógica de Paulo Freire se dá em diversos aspectos. (...) Há, porém, um aspecto central que

² Cabe considerar que nacionalização dos clássicos corresponde à terceira fase do Teatro de Arena e não a primeira como apresenta Pedroso. Ver: Boal, A. Teatro do Oprimido e outras poéticas. 1975, p.176-183

³ Pedroso considera equivocadamente as atividades do exílio de Boal como parte de seu trabalho no Teatro de Arena. No entanto, assim que Boal foi preso suas atividades no Arena se encerraram.

aproxima o método do Teatro do Oprimido à educação para a libertação: o reconhecimento de que todas as relações humanas deveriam ser de natureza dialógica, e que é só a partir desta relação que há a possibilidade de transformação social.

Além disso, as duas propostas são ideologicamente compatíveis por terem como objetivo “devolver ao ‘povo’ o que dele foi tirado ao longo da história” (Pedroso, 2006: 18).

Após explicar os fundamentos teatrais do pensamento de Boal, Pedroso (2006: 19) relaciona o teatro convencional à pedagogia tradicional, pela sua relação intransitiva entre palco-plateia. Já no Teatro do Oprimido “cria-se o diálogo, interroga-se o espectador e se espera dele uma resposta: uma ação (BOAL, 1996a)!” e por isso relaciona-se com o pensamento de Freire.

Quanto à exposição dos exercícios e jogos que compõem o TO, Pedroso utiliza a divisão do “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas”, de 1975, ignorando a atualização que Boal fez ao longo de sua trajetória e sistematizou no livro “Jogos para Atores e Não-Atores”, de 1998. Com essa atualização, a divisão anterior entrou em desuso para a grande maioria dos praticantes de Teatro do Oprimido, principalmente aqueles vinculados de alguma forma a organizações que estudam e difundem o método.

Pedroso (2006: 22) conclui este tópico analisando a função do curinga, afirmando que este “deve evitar qualquer tipo de manipulação ou indução, devolvendo os acontecimentos do palco sem tirar conclusões que não estejam evidentes nas cenas, reencaminhando para plateia as dúvidas e estando atento para as possíveis soluções mágicas que podem se apresentar (Boal, 2002)”.

No capítulo seis, Pedroso retoma o objetivo do TO analisando-o junto às referências do uso teatral para o desenvolvimento social, baseando-se no pensamento de Heritage (Mudança de cena, 2000). Neste capítulo, a autora avalia o trabalho que desenvolveu na ONG Mudando a Cena, considerando Paulo Freire sua referência teórica. Os aspectos apresentados são, então, vinculados a características do Teatro do Oprimido que possibilitaram alcançar certos objetivos.

Quanto à questão de pesquisa colocada por Pedroso – se as ferramentas do TO são adequadas aos princípios da Pedagogia do Oprimido – a autora aponta dois aspectos. Primeiro, que o uso do TO realmente possibilitou a construção de

uma relação dialógica entre os sujeitos envolvidos no processo teatral. Mas, aponta também a dificuldade de construção de ações concretas para transformação da realidade a partir da experiência vivida no Teatro do Oprimido (Pedroso, 2006: 78). A autora chega à conclusão que foi dado um passo importante e o seguinte deveria ser a intervenção na lei, através do uso do Teatro Legislativo.

Para finalizar sua dissertação, Pedroso apresenta trechos da produção escrita dos jovens que participaram do projeto, buscando expor a esperança da transformação em suas realidades.

2.2.3

Tânia Teixeira: a Pedagogia do Oprimido no Teatro do Oprimido

A tese “Dimensões socio-educativas del Teatro del Oprimido: Paulo Freire y Augusto Boal” de Tânia Teixeira foi desenvolvida no Departamento de Educação da Universidad Autónoma de Barcelona, em 2009. Neste trabalho, Teixeira investiga a relação entre o TO e a Pedagogia do Oprimido (pontos de ligação, relações e ações sócio-educativas propiciadas) e analisa atividades práticas do CTO. O trabalho é dividido em onze capítulos e diversos sub-capítulos que integram 335 páginas. A autora apresenta três problemas centrais para sua investigação. O primeiro é o mais ligado às questões de cunho teórico, e por isso o que mais me interessa nesse trabalho: “Quais os pontos de ligação entre a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e o Teatro do Oprimido de Augusto Boal e quais as características pedagógicas e metodológicas utilizadas por ambas às metodologias?” (Teixeira, 2009: 15). Na investigação empírica – baseada em “conversações informais, entrevistas abertas em profundidade e narrativas de vida” (Teixeira, 2009: 7) – a autora buscou responder às seguintes questões “quais as dimensões educativas e sociais que ocorrem através do Teatro do Oprimido, na população participante do programa e na sociedade?” e “que modelos e metodologias utilizam os curingas nas oficinas do C.T.O, como estão organizadas estas ações e quais os efeitos sócio-educativos gerados nos participantes por estas ações?” (Teixeira, 2009: 15).

Desde o princípio fica claro que a autora não incluiu como questão definir ou analisar as características pedagógicas do Teatro do Oprimido. Ela parte do princípio que há uma relação com a Pedagogia do Oprimido e passa a investigá-la,

buscando encontrar em quais pontos essas duas propostas se aproximam – nunca em que se distanciam. Assim, ela aponta como objetivos gerais “Identificar e estabelecer os pontos de ligação entre a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e o Teatro do Oprimido de Augusto Boal” – ponto de vista teórico – e “Desenvolver uma investigação avaliativa sobre o teatro do oprimido e os efeitos sócios educativos, que geram na população participante do programa e na sociedade” – investigação empírica (Teixeira, 2009: 20).

Logo após a apresentação dos problemas da pesquisa e de seus objetivos a autora faz uma articulação entre seu objeto de pesquisa – o TO – e a linha de pesquisa na qual se inseria, ligada à pesquisa de “intervenções sociais”. Assim, no capítulo 2 “Considerações sobre intervenção social: intervenção sócio-educativa”, ela apresenta e relaciona pensadores como Lefebvre, Úcar e Carballada, para definir o que é uma intervenção social e porque Paulo Freire e Augusto Boal podem ser pensados dentro desses parâmetros. Além disso, a autora articula esse conceito à educação, definindo a “intervenção sócio-educativa” como “uma das diversas formas utilizadas pela educação e está direcionada para o desenvolvimento de ações educativas, normalmente em contextos não formais” (Teixeira, 2009: 26). É pela vinculação do Teatro do Oprimido ao conceito de “intervenção sócio-educativa” que Teixeira justifica a sua análise do TO pelo campo de pesquisa educacional.

No capítulo “Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire”, a autora preocupa-se em registrar as principais características da teoria freireana, bem como fazer um resgate histórico da trajetória de Freire. Teixeira (2009:29) afirma que Freire

propõe na sua teoria, a superação da relação “*opressor-oprimido*”, ou seja, a elaboração e construção do conhecimento ligado ao processo de conscientização crítica da realidade. O diálogo é a essência desse método, educador e educando são somente sujeitos desse processo, a escola existe num contexto histórico de uma determinada sociedade.

Teixeira (2009: 35) analisa o pensamento de Freire à luz das três filosofias que o teriam influenciado: o existencialismo, a fenomenologia e o marxismo. Dessas três, destaca a perspectiva marxista, embora a autora só tenha definido o pensamento de Freire a partir das últimas fases de seu desenvolvimento (Teixeira, 2009: 36-37).

Após essa reflexão, Teixeira (2009: 26-29) inclui o tópico “Metodologia da Pedagogia do Oprimido”, no qual analisa o “Método Paulo Freire de Alfabetização” e seus conceitos essenciais, como “educação bancária”, e “educação problematizadora”.

No tópico “Conceitos de Teoria e Prática Educativa na visão de Paulo Freire”, Teixeira analisa a estreita relação entre teoria e prática que Paulo Freire defende. Essa relação

centra-se na articulação dialética entre ambas, o que não significa necessariamente uma identidade entre elas. Significa uma relação que se dá na contradição, ou seja, expressa um movimento de interdependência em que uma não existe sem a outra (Teixeira, 2009: 51 – 52).

Ela seria importante, pois remete à valorização do saber de todos participantes no processo educacional. Nesse ponto, Teixeira cita trechos da obra de Freire, onde ele apresenta a relação entre o conhecimento trazido pelos educandos e o saber do professor. Entre as citações podemos perceber a percepção de Teixeira sobre a função do professor que Freire apresenta no livro “Pedagogia do Oprimido”. Embora o saber do professor deva se inserir na relação de aprendizagem com o mesmo valor que o saber do educando, é função do professor contribuir para que o educando ultrapasse o conhecimento que possuía antes de entrar nessa relação. Os conteúdos também fazem parte dessa relação e Teixeira apresenta citações de Freire que reforçam esta perspectiva, dessa vez do livro “Educação e atualidade brasileira”.

Então, no capítulo de análise da perspectiva freireana, Teixeira preocupa-se em definir suas principais características, valorizando, mais do que suas críticas, seu método de alfabetização, o papel do educador, as vertentes filosóficas que influenciaram Freire e a trajetória de sua vida.

No capítulo 4, “Teatro do Oprimido de Augusto Boal”, Teixeira segue a mesma estrutura do capítulo sobre Freire, apresentando a trajetória de vida de Boal, a metodologia do TO e os conceitos de “Teoria e prática teatral na visão de Augusto Boal”. A adoção desta estrutura, definida pelo estudo anterior, dificultou a apresentação do tema. Como o desenvolvimento do TO esteve intimamente ligada a trajetória de Boal, alguns pontos acabaram sendo apresentados duas vezes e o capítulo sobre a metodologia do TO acabou por alisar toda a textura criada pelos variados contextos históricos que Boal vivenciou, transformando a

metodologia do TO em técnicas com princípios e objetivos idênticos umas das outras. Utiliza, neste sentido, o pensamento de Boal anterior à sistematização do Teatro do Oprimido como se ele tivesse se mantido inalterado até a atualidade⁴. Esta desarticulação entre a teoria e a história do TO e de Boal acaba criando uma visão um tanto estática de Boal, como se seu pensamento fosse sempre o mesmo, independente do que vivenciou em contextos tão distintos.

Teixeira (2009: 84) considera que do ponto de vista político “o Teatro do Oprimido tem seus objetivos baseados na filosofia de Karl Marx e Friedrich Engels, desde a política e a prática sindical até a análise e interpretação de fatos sociais, morais, artísticos, históricos e econômicos” e do ponto de vista ético “representa uma variante mais restrita da peça-didática brechtiana, uma proposta que une o teatro à pedagogia de ação direta” (Idem, 2009: 85). Considero estas análises equivocadas, uma vez que no exílio Boal viveu um gradativo distanciamento do marxismo e uma maior aproximação com a filosofia existencialista. E quanto à relação com Brecht, é comum considerá-lo como uma continuação, um desdobramento. Mas é importante perceber que apesar de possuírem objetivos em comum, Brecht e Boal se diferenciam em diversos aspectos e é muito difícil, a partir da teoria dos dois autores, considerar, como Teixeira, que o TO é “uma variante mais restrita da peça-didática brechtiana”.

Quanto a trajetória apresentada pela autora para Boal, há também diversos pontos que não parecem se sustentar à luz da obra do próprio teatrólogo. Um deles é quanto ao exílio. Teixeira afirma que “Em 1971, Boal é cassado das suas atividades e condenado à prisão. É exilado do país, vai para Portugal, o ano 1976 marca o início de seu exílio europeu, onde escreve o livro autobiográfico *Milagres do Brasil* (1979), publicado originalmente neste país, onde relata com detalhes um diário, os dias vividos na prisão e as torturas sofridas” (Teixeira, 2009: 82). Embora a autora apresente as técnicas desenvolvidas nos países latino-americanos, nesse trecho ela não considera que Boal viveu nesses países durante seu exílio. Ignora a importante influência que o exílio latino-americano deu ao pensamento de Boal, afinal ele viveu na Argentina entre 1971 e 1976, período em

⁴ Por exemplo, Teixeira – como Pedrosa – utiliza a divisão de desenvolvimento do ator apresentada por Boal no livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas”, de 1975, como se fosse a divisão atual (Teixeira, 2009, p. 92). No entanto, Boal deu grandes passos no aperfeiçoamento do desenvolvimento do ator, criando novas etapas e reorganizando os exercícios, apresentado em “Jogos para atores e não-atores”, de 1998.

que realizou frequentes experiências de formação teatral em diversos países latino-americanos, especialmente no Peru. Inclusive, foi durante o exílio latino-americano que Boal desenvolveu algumas das principais técnicas do método (Teatro Invisível, Teatro-Imagem e Teatro-Fórum).

Teixeira (2009: 86) considera que a metodologia do TO é uma “variação politizada do sócio drama”. No entanto, no livro *Stop C’est Magic*, Boal afirma que esta visão é equivocada. Considerando a relação que muitos insistiram em fazer sobre o Teatro do Oprimido e o psico-drama, Boal afirma:

A meu ver, essa é a primeira diferença entre um e outro: o teatro-foro tende a ocupar-se da primeira pessoa do plural (mesmo que o tema seja proposto por um só indivíduo), enquanto o psicodrama tende a ocupar-se de um indivíduo, da primeira pessoa do singular, mesmo que o problema possa revelar-se coletivo. Uma segunda diferença, a meu ver, consiste em que o psicodrama busca o efeito terapêutico, *curar* uma pessoa que se declara ou é declarada *enferma, inadaptada* ou com *problemas*, ou é etiquetada com outro eufemismo qualquer. [...] O teatro-foro, ao contrário, trabalha com pessoas que se declaram *saudáveis*, que vivem perfeitamente integradas numa sociedade que elas questionam e pretendem modificar. [...] No psicodrama, a *doença* é individual; no teatro-foro, o *problema* é coletivo. Isso ocorre em teoria [...] Mas, em princípio, o primeiro busca *transformar o indivíduo*, e o segundo, *transformar a sociedade*. O que não impede, a meu ver, que o psicodrama possa eventualmente ter efeito político, e o teatro-foro, efeito terapêutico.[...]

Creio que existe ainda uma quarta diferença, que na verdade não separa totalmente, apenas dá uma nuance. Numa sessão de psicodrama, a figura do terapeuta é a figura condutora. [...] Numa sessão de teatro-foro, ao contrário, o Coringa não se distingue dos demais participantes mais do que pelo fato de coordenar um jogo, um debate, um *foro* – mas sem qualquer autoridade, a qual é exercida exclusivamente pelo grupo, que dele não espera qualquer decisão ou conselho. (BOAL, 1980: 131-133)

Outro ponto problemático é quanto à periodização que Teixeira faz do Teatro do Oprimido. Embora ela mesma apresente o Teatro-Jornal (1970), o Teatro Invisível (1973) e o Teatro-Imagem (1973) como parte do Teatro do Oprimido, ela considera que o Teatro-Fórum (1973) originou o método “Esta intervenção do ‘Spect-ator’ (espectador) originou o teatro do oprimido” (Teixeira, 2009: 88). Confunde também a metodologia da “Estética do Oprimido” com o próprio Teatro do Oprimido, no entanto a estética faz parte do TO e sua sistematização ocorreu muito depois, já na década de 2000. A autora chama a árvore que organiza figurativamente a história do TO de “Árvore da Estética do Oprimido” (Teixeira, 2009.p. 91), o que parece ser um equívoco.

O ponto “Conceitos da teoria e prática teatral na visão de Augusto Boal” baseia-se na explicação das técnicas que integram o Teatro do Oprimido – já

explicadas em seu tópico anterior – e uma descrição das principais atividades do CTO naquele momento.

O capítulo seguinte “Pontos de ligação entre o Teatro do Oprimido e a Pedagogia do Oprimido”, Teixeira começa a apresentar pontos da entrevista que realizou com Augusto Boal em 2006, trazendo novidades sobre o seu pensamento. Ainda que estas entrevistas revelem que Boal considerava outras metodologias educativas, Teixeira não o questiona quanto as demais, fixando-se apenas na pedagogia freireana:

Na entrevista que realizei com Boal, ele ponderou que a sua metodologia incorpora pensamentos da metodologia de Freire, como incorpora de outras metodologias. Que admira e respeita à obra de Freire, pois ambas as metodologias trabalham com a visão do oprimido e opressor (Teixeira, 2009: 118-119)

Esse trecho da tese me suscita diversas questões: por que a pesquisadora não perguntou quais seriam estas “outras metodologias” incorporadas no TO? Será que se ela houvesse perguntado, Boal incluiria a maiêutica? Quais outras ele diria? Qual importância ele daria para cada uma delas?

Um aspecto interessante desenvolvido por Teixeira é a relação que surge entre o TO e o pensamento de Freire, por ambos compartilharem de um mesmo contexto histórico.

Ao considerarmos o contexto sócio político e cultural onde estavam inseridos estes autores, e conceberem as suas propostas metodológicas, percebemos com mais clareza as ideologias implícitas nestas metodologias. Ambas as metodologias coincidem na preocupação existencial dos autores com opressão social. (...) As metodologias de Freire e Boal assumem declaradamente uma postura engajada frente ao pós-golpe militar, que passou o Brasil na década de 1960. Próximas aos pressupostos políticos do Partido Comunista Brasileiro e as teorias *marxistas*. (Teixeira, 2009: 120)

Assim, o primeiro ponto de aproximação entre Freire e Boal, segundo Teixeira, é a preocupação com uma transformação estrutural da sociedade realizada por aqueles que sofrem com a estrutura vigente.

Ainda que Teixeira considere diferenças entre as propostas pedagógicas de Boal e Freire, para a autora, essas diferenças são complementares. Isso porque “a preocupação com a clareza política das finalidades do processo educativo, tão enfatizado por Freire, encontra nas técnicas propostas por Boal maiores

possibilidades de mediação através da ação da prática teatral” (Teixeira, 2009: 124).

Para Teixeira (2009: 126 -127), o ponto chave de ligação entre o TO e a Pedagogia do Oprimido, como se esperava, é o diálogo e o compartilhamento de uma mesma base ético-moral. A autora conclui então que

Ambas as metodologias **trabalham com a visão do oprimido e opressor** fundamentadas na proposta de que cada indivíduo seja responsável pela construção de seu conhecimento, com liberdade e autonomia de suas escolhas. Baseadas em uma filosofia dialógica, que viabiliza o diálogo libertador entre os indivíduos, e não o monólogo opressivo. [Grifos do original]

Ao final do capítulo, Teixeira inclui um quadro sintético comparativo entre Freire e Boal, considerando as influências filosóficas, autores presentes nos métodos, a perspectiva de diálogo e o papel do professor e do curinga. Embora seja um quadro comparativo, a autora buscou apresentar os pontos de aproximação entre os autores.

Nos demais capítulos, Teixeira analisa atividades práticas do CTO – que já explicitarei que não serão analisadas neste trabalho – e por fim conclui que “as metodologias de Freire e Boal têm como princípios desenvolver, entre os *oprimidos*, o pensamento crítico para a intervenção da realidade, sendo o diálogo a base para a formação dessa personalidade crítica” (Teixeira, 2009: 302).

2.2.4

O que há entre Paranhos, Pedroso e Teixeira?

É interessante notar que os três trabalhos pesquisados, desde o princípio, já buscam encontrar a Pedagogia do Oprimido dentro do Teatro do Oprimido. Nenhum dos três coloca a pergunta de qual a perspectiva pedagógica do TO, mas partem do pressuposto de que esta se relaciona diretamente com a Pedagogia do Oprimido e buscam estabelecer como e em que medida ocorre esta aproximação – mas nunca em que medida se distanciam ou se o TO teria outras influências importantes em sua dimensão pedagógica. Paranhos questiona a prática de Teatro do Oprimido que recorrentemente aceita soluções analgésicas trazidas pela plateia no Teatro-fórum. Embora esse aspecto pudesse apontar para um distanciamento com Freire, Paranhos não se detém na análise sobre as causas e consequências desse aspecto no TO.

Paranhos e Pedroso estabelecem uma aproximação do teatro tradicional (ou Aristóteles) com a pedagogia tradicional e do TO com Freire. O critério central para estas aproximações é uma avaliação das relações de dialogicidade em cada proposta teatral. Brecht e Dewey, no caso de Paranhos, ficam no meio do caminho entre a dialogicidade e o bancarismo, pois, segundo o autor, eles não são dialógicos, mas provocam o educando/espectador buscando torná-lo ativo na procura da solução de um problema. Teixeira não estabelece estas comparações, no entanto, também afirma que o ponto central de aproximação entre Freire e Boal é a dialogicidade.

Evidentemente, há aproximações entre Boal e Freire em função de suas perspectivas dialógicas. Isso é demonstrado pelas análises de Paranhos e Teixeira dos conceitos, objetivos e metodologias compartilhados por ambos, assim como pela experiência prática de Pedroso. Entretanto, a própria entrevista de Boal concedida à Teixeira revela que ele reconhece que recebeu outras influências e que sua perspectiva pedagógica não pode ser identificada exclusivamente com a de Freire, pois há diferenças significativas.

E por que nenhum dos trabalhos analisa estas diferenças buscando estabelecer quais as demais influências de Boal? Possivelmente, por não possuírem outra perspectiva pedagógica dialógica no horizonte, identificando imediatamente a dialogicidade à Pedagogia do Oprimido, quase como se fossem sinônimos. Isso pode ocorrer em função de que, na maioria dos textos de Freire e notadamente no famoso Pedagogia do Oprimido, este não se preocupa com a realização de uma análise de muitas perspectivas pedagógicas, mas sim em criticar aquelas que são bancárias e defender uma Pedagogia do Oprimido (ou libertadora, ou problematizadora...), estabelecendo desta forma a dialogicidade como um critério central de separação de ambas. Portanto, ao partirem do pressuposto da identificação entre Freire e Boal (real, porém incompleto) e se embasarem principalmente na própria teoria freireana se torna realmente difícil localizar outras influências na formação da dialogicidade do TO. Entretanto, a dialogicidade pode se dar de diferentes formas e uma leitura atenta a esta temática na produção bibliográfica de Boal, como tentarei demonstrar adiante, revela uma outra influência bastante expressiva: a maiêutica socrática.

Há alguns pontos de proximidade e distanciamento entre Freire e Boal que não foram tratados por Teixeira, Pedroso e Paranhos. Serão apresentados, então,

na análise que farei no tópico sobre o pensamento de Freire e Boal, no próximo capítulo.